

RUÍNAS/NOTÍCIA DA ARCÁDIA ATLÂNTICA

por

António Medeiros*

1.

Lisboa, Feira da Ladra — passeio recomendável para o historiador, também o é para o etnógrafo. Este é um mercado de objectos modestos: “antiguidades” pouco pretensiosas, falsificações ingénuas, livros gastos (ou sequer abertos!), qualquer objecto imediatamente útil ou pateticamente inútil. Por seu intermédio suscitam-se evocações desencontradas. O passeante mais curioso perceberá exposta uma rica documentação de outros hábitos de consumo, sinais do passado ostentados em modestos monumentos¹. Ali, é a variedade de indícios da cultura material, de épocas ainda relativamente recentes, que sobretudo fascina e serve para pensar.

São produtos industriais que se encontram mais frequentemente na Feira da Ladra; objectos produzidos em série, de pequeno preço, sem a aura das peças singulares². Pelas calçadas, surgem, sobretudo, objectos datáveis das últimas décadas. Mais raros, e ainda invariavelmente modestos, são os objectos vindos do século anterior — também mecânicamente reproduzidos, dando conta da dimensão ampla do mercado que os usufruiu.

Na “Feira” pode encontrar-se, por acaso, um trilho de cereais; este é um objecto gigantesco de presença inédita neste contexto, cuja identificação confunde a maioria dos circunstantes. Reconhece-o o etnógrafo que passa, percebendo mais uma singular citação do passado: já os romanos o usavam na lavoura do trigo, é um *tribulum*, um objecto arcaico, que é possível encontrar como peça relevante das colecções de alguns museus. Não é só a eventualidade destas aparições, mais

* ISCTE, Departamento de Antropologia Social.

¹ É Jacques Le Goff quem dá conta das distinções postuláveis entre “documento” e “monumento”; no mesmo passo, defende que são homólogos, num sentido lato, ambos os conceitos (1984: “Documento/Monumento”).

² Conferir o importante texto de Walter Benjamin “L’oeuvre d’art à l’époque de sa reproduction mécanisée” (1991: 140-192).



Nestes termos, os objectos encontrados na Feira da Ladra ilustram a existência histórica de categorias geradas socialmente, que serviram a descrição do Minho. A estas categorias podem ser atribuídos efeitos “reflexivos” — por seu intermédio, nomeadamente, foi moldado o Minho que conhecemos nos dias de hoje. Assim, têm um lugar relativamente importante, na minha opinião, em qualquer proposta que queira explicar as reivindicações de identidades sociais específicas, enunciadas contemporaneamente naquela província.

2.

Num artigo recente, Michael Herzfeld sugere que “no fundo a antropologia consiste em analisar os preconceitos”, os estereótipos (Herzfeld, M., 1992: 68)⁷. A frase é interessante, na medida em que sugere o reconhecimento dos juízos estereotipados como propostas mais correntes — e de algum modo incontornáveis — de objectivar pretensões ao conhecimento. A percepção estereotipada de uma determinada realidade social, consagra uma identificação arbitrariamente nítida e facilmente manipulável. Como sugere Lison Tolosana, um estereótipo é um recurso classificatório definível pela “atribuição comum de virtudes e defeitos”, aos membros de um determinado grupo (1977: 21). Assim, podem surgir os juízos estereotipados como propostas primordiais do reconhecimento de identidades sociais. O seu modo de operar está moldado pelo contexto de enunciação: contempla as considerações sociocêntricas que servem a classificação mútua de povoados confinantes; noutro extremo, são também juízos estereotipados que estão na raiz de classificações correntes de grande latitude — ricamente imaginadas e com grande factualidade sociológica — como “o Oriente”, “o Ocidente”, “a África negra” ou “o Mediterrâneo”, entre outros exemplos possíveis.

O uso de apodos tópicos — tema que em Portugal recebeu a atenção de eruditos como Rocha Peixoto, Adolfo Coelho, J. Leite de Vasconcelos ou Teófilo Braga — pode ser considerado como exemplo mais elementar do uso de classificações estereotipadas, enquanto recursos instituintes de um sentido de alteridade ou de pertença social⁸. Edward Said prova, por outra parte, o modo paradoxal como a percepção estereotipada do “Oriente” está fundada num “excesso” de informação; o autor quer demonstrar que o “Oriente é um corpo desmesurado de

⁷ “Je suggérerai qu’au fond l’anthropologie consiste à analyser les préjugés -ceux des autres aussi bien que les “nôtres”. Dans une large mesure c’est l’objet des recherches sur le caractère ethnique et le nationalisme, et également sur les conflits de classes, l’identité sexuelle ou professionnelle.” (Herzfeld, M., 1992: 67).

⁸ O texto de 1908 de Rocha Peixoto é especialmente interessante e sugestivo (1967: 317-329).

Parece muito digno de nota, neste contexto, um reparo de William Christian: “Each village also has a nickname imposed by the other village on its inhabitants, and each has its special peculiarity attributed by others. In this sense each village does indeed have its own culture that is accredited by the surrounding villages and validated by tradition.” (1972: 21).

Uma ilustração mínima da efectividade destes processos dialéticos, pode ser encontrada nas manipulações contextuais de um conhecido ditado tópico referente ao Minho: “Homem do Minho / Calça de pau / Veste de Linho / Come pão de passarinho / Bebe vinho de enforcado / Arrenega dele como do diabo (cf. Peixoto, A. Rocha, 1967: 319). A fórmula deste ditado, se enunciado pelos habitantes da província, transmuta o último trecho num lisongeiro “mas tem força como diabos”. Quero vincar os efeitos liminarmente análogos, que podem decorrer das narrações mais articuladas produzidas pelos etnógrafos — especialistas da “escrita da cultura”, especialistas da criação de documentos de identificação social e cultural¹¹.

Neste argumento, será importante considerar duas sugestões de Johannes Fabian, que diz caberem nos usos antropológicos do conceito de “cultura”, de um modo invariável, intentos de discernir a “ordem na desordem”; o autor sugere, por outra parte, que a antropologia é “ciência do desaparecimento e não da emergência” (cf Fabian, J., 1991: 191-206)¹². Seguindo Fabian, pode dizer-se que as propostas que querem fazer o reconhecimento da existência de uma “cultura minhota” são tentativas eruditas de classificar, de impor “a ordem sobre a desordem”. Estas têm operado por intermédio de um processo que elide, por regra geral, a pertinência em considerar outras identidades sociais muito significativas; eventualmente mais relevantes, do ponto de vista dos indivíduos assim classificados. Por outra parte, pode perceber-se, por intermédio dos textos etnográficos disponíveis, que este processo de identificação tem estado confinado nos limites de uma “ciência do desaparecimento”, incidindo invariavelmente no registo de aspectos “tradicionais” — práticas e representações percebidas como remanescências do passado, que subsistem no quotidiano das populações rurais.

Esta “ciência do desaparecimento” opera pelo uso de processos retóricos muito específicos. É George Marcus que distingue dois “modos” principais de descrição etnográfica: o “salvacionista” e o “redentor”¹³. Ambos estes “modos” têm moldado as descrições do Minho e da “cultura minhota”, facto que pode ser ilustrado de maneira ampla. No uso dos termos propostos por Marcus, devem

¹¹ Conferir, nomeadamente, James Clifford (1988: 21-54; 1986); J. Clifford e G. Marcus (1986); E. Leach (1989); M. Strathern (1992). Tem-se multiplicado, em vários contextos, os registos da importância que ganharam textos etnográficos enquanto referências de identificação social (por relação a Portugal conferir J. Pais de Brito, 1989; tb. A. Medeiros, 1992). Hoje em dia, são recenseáveis como parte do senso comum alguns dos tópicos relevados por Jorge Dias na caracterização dos “elementos fundamentais da cultura portuguesa” (1961: 97-119).

¹² As expressões usadas por Fabian são: “order-out-of-disorder” (também “order-out-of-chaos”, noutra fórmula) e “science, not of emergence, but of disappearance” (op cit., pp. 192-193).

¹³ “In the salvage mode, the ethnographer portray himself as “before the deluge”, so to speak. Signs of fundamental change are apparent, but the ethnographer is able to salvage a cultural state on the verge of transformation (...). In the redemptive mode the ethnographer demonstrates the survival of distinctive and authentic cultural systems despite undeniable changes”.

ção ao exemplo vertente, o estatuto das definições de cultura — termo mais comumente concebido enquanto referência a registos de imanência e autenticidade.

Torna-se sugestivo pensar aquele termo tendo em conta as metáforas que o ilustram intencionadamente, aquém do carácter intangível — porque liminarmente abstracto — implicado na definição “clássica” de cultura de E. Tylor, de 1871 (cf. Bonte, P. e Michel Izard, 1991: 190; Clifford, J., 1988: 277-346). Expõe-se a possibilidade de propor uma apreensão pragmática do que é a “cultura” minhota: enquanto cultura que surge vazada nas metáforas mais autorizadas que têm servido a sua descrição¹⁶.

– Seguindo James Boon, pode-se sugerir que a “cultura minhota” é também caracterizável enquanto “a multiply authored invention, a historical formation, an enactment, a political construct, a shifting paradox, an emblem, a trademark, a nonconsensual negotiation of contrastive identity, and more” (1990: IX).

O “Minho”, conjunto de imagens estereotipadas, é um *corpus* de representações de uma identidade provincial — o resultado de processos bem sucedidos de classificação erudita (cf. Bourdieu, P., 1989: 107-132). Seguindo os termos propostos por Michel Certeau, posso avançar que a construção desta identidade provincial decorreu, sobretudo, de uma apreensão idealizada do “popular”, operada sob a forma de um monólogo (op. cit.: 49). Parece certa esta apreciação, sugerindo a existência de estratégias muito selectivas na construção do objecto “cultura popular”. A “cultura popular minhota” manifesta-se — nas suas formas legitimadas — em cantos, em danças, em trajes ou no “artesanato minhoto”; expressões cujas formas canónicas existem porque depuradas por intermédio de exercícios eruditos de censura. Nestes termos, de um determinado ponto de vista, as “culturas populares provinciais” podem ser concebidas como géneros “menores” codificados no âmbito de uma “opera-house culture” (cf. Wagner, R., 1980). Aquele conjunto de representações foi ensinado, nomeadamente — como é possível historiar —, aos habitantes daquela parte do país. Na medida do sucesso relativo deste processo pedagógico, teriam ficado em aberto possibilidades de manipulação deste *corpus* de conhecimentos, servindo para referenciar reivindicações que hoje em dia podem ser registadas de identidade pessoal, local, regional e nacional.

É indispensável distinguir conceptualmente “província” e “região” — termos de uso muito corrente, tocados de fortes ambiguidades semânticas e por sobreposições mútuas. Esta é uma destriça dificultada — de algum modo um artifício retórico — mas imprescindível à justificação dos argumentos agora expostos. No uso contextual do termo “província”, são vincadas as conotações de

¹⁶ Tomo em conta a definição de metáfora sugerida por James Fernandez: “sign predicated upon an inchoate subject” (cit. in Herzfeld, M., 1992: 67).

culturas, numa generalização defensável (cf. Boon, J., 1990; Clifford, J., 1988; Wagner, R.: 1980; Rabinow, P. M. Sullivan: 1987) — é um processo permanente, aberto e disputado, de atribuições de sentido. Contudo, será possível identificar uma época de génese que instaurou a possibilidade de pensar a sua existência; é possível, também, identificar os tópicos mais frequentados e duradouros em que o seu discurso foi investido. Importaria detectar alguns dos marcos mais relevantes no processo de imaginação do “Minho” e da “cultura minhota”²⁰.

3.

Este artigo é parte de um trabalho que resultou de uma investigação que decorreu no Minho e em torno de documentos respeitantes a esta província do país. Trabalho que se assumiu como proposta incipiente de análise crítica de discursos da identidade minhota.

Como acontece com a maioria dos textos, e seguindo uma frase feita, foi produzido um “livro que falava de outros livros”. Todavia, a razão mais importante que justificou a elaboração do dito trabalho, foi a memória de vários encontros e de diálogos em que fui interlocutor — modo contornado de dizer que resultou de uma experiência de “terreno”. Esta, aconteceu em duas freguesias rurais confinantes: Antas e Castelo do Neiva, situadas no litoral dos concelhos de Esposende e de Viana do Castelo³.

À luz de classificações que são relativamente correntes e legitimadas por argumentos eruditos, S. Paio de Antas e Castelo do Neiva situam-se no Alto e no Baixo Minho, respectivamente. Residi durante cerca de quatro meses em S. Paio d’Antas, nos anos de 1992 e 1993. Durante este mesmo período, residi no Castelo do Neiva cerca de um mês. Depois, tenho visitado, com a assiduidade possível, estes lugares e as pessoas que então me acolheram.

Ambas as freguesias referidas, como acontece por todo o litoral noroeste do país, são caracterizadas pelo povoamento disperso, que se percebe estruturado em núcleos mais coesos, de limites sensivelmente identificáveis: os “lugares”. Simultaneamente, importa fazer notar como é relativamente avultada a sua população — segundo os dados mais recentes, são 2062 e 3185 os habitantes de S. Paio de Antas e Castelo do Neiva, respectivamente. Por conseguinte, nesta experiência de “terreno” tão pouco alongada foi muito reduzido, em termos proporcionais, o número destas pessoas com as quais pude contactar directamente.

Escolhendo, em primeira mão, S. Paio de Antas como *locus* de investigação, tinha como propósito realizar um estudo antropológico de recorte “clássico”

²⁰ O uso dos termos “imaginação” e “invenção”, não tem uma intencionalidade pejorativa, ou um intuito de denúncia; como sugere Benedict Anderson (1993), é uma aceção genericamente positiva — supondo a referência a manifestações de criatividade, de “imaginação sociológica” — que lhes deve ser atribuída. Conferir também E. Hobsbawm e T. Ranger (1985).

BIBLIOGRAFIA

- ARDENER, Edwin, 1987, "'Remote Areas': Some Theoretical Considerations", in Anthony Jackson" (ed.), *Anthropology at Home*, Londres e Nova York, Tavistock.
- AUGÉ, Marc, 1994, *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand.
- BASTO, Cláudio, 1930, *Traje à Vianesa*, Vila Nova de Gaia, Apolino.
- BENJAMIN, Walter, 1991, "L'Oeuvre d'Art à l'Époque de sa Reproduction Mécánisée", in *Écrits Français*, pp. 140-192, Paris, Gallimard.
- BOON, James A., 1977, *The Anthropological Romance of Bali*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BOON, James A., 1982, *Other Tribes, Other Scribes*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BOURDIEU, Pierre, 1989, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- BRITO, Joaquim Pais de, 1989, *Aldeia e as Casas. Organização Comunitária e Reprodução Social Numa Aldeia Transmontana (Rio de Onor)*, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE.
- BUCK-MORSS, Susan, 1990, *The Dialectics of Seing. Walter Benjamin and the Arcades Project*, Cambridge - Mass., MIT Press.
- CAMPION, Catherine, 1988, "L'imaginaire Tropical: le Paysage Indien dans les Romans Populaires Français (1880-1920)", in Weinberg-Thomas, C. (Org), *L'Inde et L'Imaginaire*, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- CARENA, Carlo, 1984, "Ruína, Restauo", in *Enciclopédia Einaudi*, vol I, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- CERTEAU, Michel de, Dominique Julia e Jacques Revel, 1987, "La Beauté du Mort", in Michel de Certeau, *La Culture au Pluriel*, Paris, Christian Bourgois.
- CHRISTIAN, William A., 1972, *Person and God In a Spanish Valley*, Nova York e Londres, Seminar Press.
- CLIFFORD, James, 1986, "On Ehnographic Allegory", in James Clifford e George E. Marcus, *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, University of California Press.
- CLIFFORD, James, 1988, *The Predicament of Culture. Twentieth- Century Ethnography, Literature, and Art*, Cambridge-Mass. e Londres, Harvard University Press.
- COELHO, Adolfo, 1993b, *Obra Etnográfica, Volume II - Cultura Popular e Educação*, (Organização e Prefácio de João Leal), Lisboa, D. Quixote.
- COHEN, Anthony P., 1985, *The Symbolic Construction of Community*, Chichester e Londres, Horwood & Tavistock.
- CORBIN, Alain, 1992, "Paris -Province", in Pierre Nora (dir.), *Les Lieux de Mémoire III. Les Frances -I. Conflicts et Partages*, Paris, Gallimard.
- CORTESÃO, Jaime, 1966, *Portugal a Terra e o Homem*, Lisboa, Artis.
- COSTA, D. António da, 1974, *No Minho*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- DIAS, A. Jorge, 1962, *Ensaio Etnológicos*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.
- DIAS, A. Jorge, 1970, *Da Música e da Dança como Formas de Expressão Expontâneas Populares, aos Ranchos Folclóricos.*, Lisboa, APPPC.
- EVANS-PRITCHARD, E. E., 1962, "Social Anthropology: Past and Present (The Marett Lecture, 1950), in *Essays in Social Anthropology*, Londres, Faber and Faber.
- FABIAN, Johannes, 1991, *Time and The Work of Anthropology - Critical Essays 1971-1991*, Chur, Harwood.

- O'NEIL, Brian J., 1991, "A Hospitalidade e o Estranho: O Enigma do Antropólogo Dentro da Europa", in Henrique C. Gomes Araújo (ed.), *Portugal e a Europa: Unidade e Diversidade*, Rio Tinto, Asa.
- PEIXOTO, A. A. Rocha, 1967-1975, *Obras*, 3 vols., Póvoa de Varzim, Câmara Municipal.
- PIMENTEL, Alberto, 1989 (1905), *As Alegres Canções do Norte*, Lisboa, D. Quixote.
- REVEL, Jacques, s. d. (1989), *A Invenção da Sociedade*, Lisboa, Difel.
- REVEL, Jacques, 1992, "La Région", in Pierre Nora (dir.), *Les Lieux de Mémoire III. Les Frances - I. Conflits et Partages*, Paris Gallimard.
- RONCAYOLO, Michel, 1986, "Le Paysage du Savant", in Pierre Nora (dir.), *Les Lieux de Mémoire II. La Nation.*, Paris, Gallimard.
- RONCAYOLO, Michel, 1986, "Região", in *Enciclopédia Einaudi*, vol. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SAID, Edward W., 1990 (1978), *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*, S. Paulo, Companhia das Letras.
- SALAZAR, Abel, 1939, *Recordações do Minho Arcaico*, Porto, Civilização.
- SAMPAIO, Alberto, 1888, *A Propriedade e a Cultura no Minho*, Porto, Silva Teixeira.
- SILVA, Augusto Santos e Vítor Oliveira Jorge (orgs.), 1993, *Existe Uma Cultura Portuguesa*, Porto, Afrontamento.
- SOUSA, Vicente de e Neto Jacob, 1984, *Portugal no 1º Quartel do Séc. XX Documentado pelo Bilhete Postal Ilustrado*, Bragança, Câmara Municipal.
- TAUSSIG, Michael, 1993, *Mimesis and Alterity. A Particular History of The Senses*, Nova York e Londres, Routlege.
- THIESSE, Anne - Marie, 1991, *Écrire la France. Le Mouvement Littéraire Régionaliste de la Langue Française entre la Belle Epoque et la Libération*, Paris, Presses Universitaires de France.
- TOLOSANA, C. Lison, 1977, *Invitación a la Antropología Cultural de España*, Corunha, Adara.
- TOLOSANA, C. Lison, 1989, "L'Espagne des Espagnols", in Martine Segalen (org.), *L'Autre et le Semblable*, Paris, Presses du CNRS.
- TREVOR-ROPER, Hugh, 1985, "The Invention of Tradition: The Highland Tradition of Scotland", in Hobsbawm, Eric e Terence Ranger, *The Invention of Tradition*, Cambridge, Cambridge University Press.
- TRIGUEIROS, Luís F., 1976, "Regionalismo", in Jacinto do Prado Coelho, *Dicionário das Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira*, 3 vols., Porto.
- UNAMUNO, Miguel de Unamuno, 1989 (1910), *Por Terras de Portugal e da Espanha*, Lisboa, Assírio e Alvim.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1900, "Tradições Populares do Minho (Cartas), In *Revista Lusitana*, Vol. VII, fasc. 2.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1980b (1941), *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VEYNE, Paul, 1987, *Acreditaram os Gregos nos seus Mitos*, Lisboa, Ed. 70.
- VIANA, Abel, 1953, "Ranchos Regionais. Sua Importância e Necessidade.", in *Mensário das Casas do Povo*, nº 84.
- VIEIRA, J. Augusto, 1886, *O Minho Pitoresco*, 2 vols., Lisboa, A. M. Pereira.
- VILLARINHO DE S. ROMÃO, Visconde de, 1902, *O Minho e as Suas Culturas*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- WAGNER, Roy, 1975, *The Invention of Culture*, Englewood Cliffs - N. J., Prentice-Hall.
- WALTER, François, 1991, "La Montagne des Suisses. Invention et Usage d'une